



UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NO CAMPO: ALGUNS DESAFIOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA AMAZÔNIA PARAENSE

Wallysson de Oliveira Carvalho

wallysson.oc@gmail.com¹

Daniel Mallmann Vallerius

vallerius@ufpa.br²

Resumo

Este trabalho está pautado em um referencial bibliográfico cujo o objetivo é propiciar a reflexão sobre o ensino da Geografia em escolas do campo. Tem como itens fundamentais: apresentar alguns dilemas no ensino de geografia voltados principalmente para a realidade da Amazônia paraense, que ainda busca por políticas educacionais que atendam às necessidades escolares. Como metodologia foi realizada uma análise teórica e empírica da região amazônica, buscando mostrar a realidade da educação paraense, partindo de uma ótica geográfica que mescla a vivência e experiência intelectual e acadêmica. A qualidade educacional no Pará ainda se encontra distante da ideal, ainda faltam boas condições de infraestrutura, além de projetos voltados para a educação. Buscou-se compreender como é desenvolvido o ensino da geografia, e de que forma poderia ser trabalho mediante as necessidades da educação básica nas escolas do campo. Entendendo que a educação ainda passa por transformações que envolvem a sociedade, algumas proposições foram trazidas no sentido de que a educação e principalmente o ensino de geografia são importantes na constituição dos sujeitos. Sabendo que o campo carrega consigo complexidades e particularidades, entende-se que o lugar de vivência dos alunos deve ser considerado importante no processo de ensino de geografia e para a formação da identidade cidadã, e os conhecimentos escolares devem ser trabalhados juntamente com os saberes acumulados e a cultura camponesa, e o professor é um dos atores que podem ajudar a transformar essa realidade. Portanto, alguns caminhos podem ser traçados, a escola ainda deve passar por mudanças, a educação geográfica deve ser pensada também na perspectiva da educação do campo, e a busca por alternativas desta discussão específica deve gerar um debate geral na educação, que possibilitem uma democratização do ensino, e que atenda todas as demandas sociais e educacionais.

Palavras-chave: Sujeitos, ação docente, geografia escolar.

Introdução

¹ Discente do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, Bolsista Capes no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

² Professor Doutor da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, Coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Núcleo Geografia- Altamira (PIBID/Capes).

A construção cidadã é feita através de uma junção de conhecimentos, que podem advir do lar, da comunidade, da igreja e do espaço escolar que é um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do cidadão, onde são construídos valores morais e sociais, e onde o aluno pode desenvolver suas habilidades e talentos.

A pesquisa está apoiada na ideia de que a educação do campo é importante para o fortalecimento do espaço rural e da identidade do indivíduo, mas podemos perceber que essa modalidade de educação apresenta questões limitantes para o seu desenvolvimento. O estudo também busca permitir a visualização da realidade do ensino da geografia, que em sua essência poderia ser transformador e contribuir ainda mais com uma formação cidadã, mas ainda se encontra em processo de construção no que se refere ao fortalecimento das identidades e das diversidades escolares.

Este trabalho tem como objetivo identificar os limites e desafios do ensino de geografia inserido no contexto amazônico, com a pretensão de trazer reflexões que possibilitem discutir melhorias no processo do ensino e da aprendizagem.

Caminhos Metodológicos

O presente artigo almeja realizar um ensaio teórico acerca do ensino de geografia na perspectiva da educação no campo, em particular, no cenário da Amazônia paraense. Destarte, indicamos que nosso caminho de investigação encontra-se em sua fase inicial, prevendo o seu avançar para os próximos meses.

A partir de nossas vivências, percebemos que nem sempre o ensino de geografia vinculado aos contextos da educação do campo ganha atenção no âmbito de nossa região. A partir disso, nosso primeiro passo após a delimitação de nossa problemática, foi a construção de um levantamento bibliográfico, que nos oferta uma sustentação inicial em temas e conceitos relativos a educação no campo e do ensino de geografia.

Após esta etapa, passamos ao diálogo com tais pensadores tomando como ponto de partida as nossas experiências empíricas. Este exercício inicial permitiu visualizar algumas dificuldades na educação do campo, principalmente no interior do estado do Pará. A luz de uma abordagem dialética, prevê-se novas etapas, contemplando a obtenção de dados primários



acerca do ensino de geografia neste contexto e um possível diálogo com os sujeitos diretamente envolvidos neste processo de ensino-aprendizagem³.

Desafios na educação no campo

O campo é um espaço social de múltiplas dimensões, riquíssimo em culturas e saberes. De acordo com Fernandes (2006):

Educação, cultura, produção, trabalho, infraestrutura, organização política, mercado etc., são relações sociais constituintes das dimensões territoriais. São concomitantemente interativas e completivas. Elas não existem em separado. A educação não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e todas as outras dimensões.

Entender as diversas áreas que constituem o campo, como família, agricultura, comunidade, infraestrutura e educação, é um desafio para pesquisadores, professores e gestores, que trabalham o campo como apenas uma parte do território, e não como um espaço que apresenta singularidades.

Os debates acerca da educação no campo, são complexos, mas tem sempre como personagens indivíduos que historicamente foram excluídos socialmente. Sousa (2017) relata que o campo, concebido ao longo da história como um lugar atrasado e inferior, ficou por muito tempo sem a garantia do direito à educação escolar para os sujeitos que residiam nesse espaço.

A educação não deve ser enxergada somente como repasse de conhecimentos, e sim como um meio de fortalecer a identidade dos indivíduos, principalmente quando se fala da educação no campo:

(...) é importante considerar, que a educação do campo, é uma educação voltada para um público alvo específico, e que, portanto, necessário que a educação fornecida nas escolas situadas no campo considere a cultura e a identidade das pessoas que lá vivem. Valorizando e enriquecendo ainda mais essa cultura camponesa que historicamente foi e, ainda é menosprezada e subjugada pelas pessoas do meio urbano (RODRIGUES e BONFIM, 2017).

A educação escolar, não só no campo passa por um processo de “sucateamento” ou escassez quanto a políticas públicas, espaços físicos e qualidade de ensino. Mas, quando olhamos para a educação no campo, vemos que podemos encontrar ainda mais desafios, segundo Mandu (2017) ao longo da história, nota-se que a educação destinada aos povos do campo se apresenta de maneira deficitária e insatisfatória, e que estas escolas do campo sempre estiveram à margem do sistema educacional.

Deste modo, a busca para tornar educação mais popular, que valorize o conhecimento adquirido ao longo da vida, as experiências, hábitos e costumes, que seja acessível a todos, e com mais qualidade, é um grande desafio, principalmente para as pessoas do campo, mas, esse processo deve ser constante e efetivo. Segundo Caldart et al (2012) para a educação popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos que interfiram para transformar a realidade.

Educação na Amazônia Paraense

A região amazônica ao longo de sua história é marcada por conflitos, resistência e lutas por terra, e conhecida principalmente pelas suas riquezas naturais. Segundo Becker (2005):

Com as resistências regionais os conflitos na região alcançam um patamar mais elevado. Não se trata mais apenas de conflito pela terra; é o conflito de uma região em relação às demandas externas. Esses conflitos de interesse, assim como as ações deles decorrentes contribuem para manter imagens obsoletas sobre a região, dificultando a elaboração de políticas públicas adequadas ao seu desenvolvimento.

O território amazônico é rico em diversidade e complexo, nesse espaço três importantes aspectos se destacam, que é o aspecto sociocultural, produtivo e o educacional. Os investimentos governamentais, em sua maioria são direcionados a parte produtiva amazônica, voltados principalmente para a exploração de matérias primas. Os aspectos sociais, culturais e educacionais ficam em segundo plano, as escolas em sua maioria se encontram principalmente nos espaços do campo, ou cidades do interior, e não são contempladas com as políticas educacionais realizadas no país.

A educação paraense necessita de um olhar mais cuidadoso, principalmente quando se trata das escolas nos municípios do interior, tanto urbana quanto rural. A falta de estruturas físicas adequadas é o primeiro obstáculo para uma educação de qualidade, outra realidade desafiadora são as grandes distâncias físicas entre as casas dos alunos e o espaço escolar, principalmente por não ter transportes adequados, além de possuir um número reduzido de professores que aceitem o desafio de ensinar no campo.

Quando se trata da realidade da educação na Amazônia, os sujeitos locais são vítimas da imposição de conhecimentos sistematizados, embasados em realidades, muitas vezes, distantes da sua (PEREIRA, 2017). No ensino do campo, além do distanciamento da identidade



do indivíduo, podemos nos deparar com inúmeras dificuldades, como as estradas que dão acesso à escola, a falta de transportes adequados e as aulas multisseriadas.

As aulas multisseriadas fazem parte da realidade dos alunos, essas aulas se caracterizam por diferentes séries que estudam juntos em uma mesma sala. Como retratam Hage e Barros (2010):

As situações que vivenciam os sujeitos do campo para garantir o acesso e a qualidade da educação nas escolas multisseriadas, em grande medida estão diretamente relacionadas com a política educacional e curricular das escolas do campo na Amazônia, situação que envolve fortes repercussões sobre o fracasso escolar dos sujeitos do campo, expresso nas taxas elevadas de distorção idade-série, de reprovação e de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, comprometendo a qualidade do processo educacional ofertado por essas escolas.

A educação no campo no Pará nos permite visualizar uma realidade difícil, onde nos deparamos com um cenário preocupante, e que de certa forma conduzem a educação a um nível baixo. Hage e Cruz (2015) evidenciam esses problemas:

Infelizmente, a realidade educacional brasileira, ainda denuncia que é no campo onde identificamos os maiores índices de analfabetismo, escolas com infra-estrutura precária, altas taxas de Exclusão Escolar, as maiores taxas de professores sem formação e com vínculo empregatício precário, os currículos que não consideram os saberes locais e o fechamento de escolas, especialmente nas pequenas comunidades rurais, onde o número de estudantes existente é compatível com a configuração sócio-cultural e territorial dessas comunidades.

Esses pontos citados corroboram com o trabalho e permite contextualizar como se encontra a educação em boa parte do interior do Estado do Pará.

Ensino de Geografia e os sujeitos

A educação como um todo faz parte da formação cidadã e da construção da sociedade:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. (...) a educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades (BRANDÃO, 1981).

A geografia é uma disciplina que contribui com a formação crítica do aluno, e permite que eles tenham um olhar mais atento sobre a relação homem e espaço:

(...) numa abordagem humanística e enquanto ciência, a Geografia ultrapassa a organização espacial como objeto de estudo para se preocupar

com um espaço no qual os sujeitos interagem e dão uma significação particular. Para tal, a subjetividade é valorizada, pois o sujeito permite a seleção de certos elementos da relação espaço-sociedade. Todo lugar é valorizado, segundo valores sociais e espaciais que se refletem nas práticas e aspirações humanas. Portanto, a identificação e conhecimento dos lugares representativos pelos indivíduos podem servir como base à construção de uma identidade e uma consciência territorial junto a eles (BONFIM e CORREIA, 2016).

A educação deve ser voltada para os sujeitos, não esquecendo a realidade dos indivíduos, nem os saberes já obtidos por eles. Segundo Castrogiovanni et al (2016) é preciso trabalharmos de forma coletiva e (inter)relacionada. Na geografia não deve ser diferente. E nem pode, a Geografia é o cotidiano, é a paisagem, é a relação entre os sujeitos, e estes com os lugares, entre tantas outras variações possíveis.

O ensino da Geografia, contribui na formação cidadã e fomenta a relação da pessoa com o espaço em que vive:

A Geografia, como componente escolar, tem como centralidade a análise e a compreensão das relações que se efetivam no espaço e a partir do contato com outros seres humanos que convivem cotidianamente e que habitam o planeta. Entre suas incumbências, especificamente em escolas do campo, precisa ser desenvolvida de modo diferenciado, fortalecendo as relações com o lugar, considerando a cotidianidade e as particularidades ali evidenciadas, sem desconsiderar outras dimensões do espaço (COPATTI e CALLAI, 2018).

Segundo Caldart (2015) não é possível tratar da política educacional descolada das questões do trabalho, da cultura, do embate de projetos de campo, e hoje, de modelos ou lógicas de agricultura, que têm implicações sobre projeto de país, de sociedade e sobre concepções de política pública, de educação, de formação humana.

O conhecimento prévio referente aos conteúdos é um elemento fundamental no construtivismo. Sempre partir de elementos que os alunos já tenham “cimentado” em outras relações faz que o interesse pela aprendizagem seja maior (CASTROGIOVANNI e COSTELLA, 2016 a).

O ensino de Geografia e a escola no campo: Particularidades e Complexidades

Ao longo dos anos a Geografia buscou, de certa forma assumir seu caráter crítico, mas, diversas vezes figura apenas como responsável por trabalhar conceitos. É mister pontuar que o processo de renovação pedagógica deve ser constante e buscar sempre auxiliar os alunos a



pensar e perceber sua realidade, levando-os a conhecer os conceitos e categorias mediante uma abordagem crítica. Tudo isto, potencialmente contribuirá para que eles abracem seu papel de cidadão junto a sua comunidade.

O ensino da geografia é importante e pode ser integrador, mas quando atribuímos à realidade do campo, a disciplina nem sempre contempla as particularidades desse espaço, os livros didáticos raramente ou quase nunca trazem assuntos de forma fidedigna comuns a esse contexto, pouco se sabe sobre os índices educacionais, habitacionais, taxa de mortalidade e natalidade, entre outros índices básicos da geografia, fazendo assim com que os cidadãos do campo nem sempre se sintam visualizados ou representados nesses materiais.

Hoje no campo, como no conjunto da sociedade, predomina uma educação que conforma os trabalhadores a uma lógica que é de sua própria destruição: como classe, como grupo social e cultural, como humanidade (CALDART, 2010). Essa afirmação, se dá pela lógica de uma educação e de uma sociedade que não é tão integradora, onde os sujeitos do campo nem sempre desfrutam de um protagonismo no âmbito das políticas públicas, por vezes desrespeitando suas diversas facetas. Busca-se uma educação e uma sociedade que respeite e identifique as famílias, os trabalhadores e alunos do campo como sujeitos protagonistas de sua história.

As favelas, as periferias, o campo, de certa forma são espaços considerados marginalizados no Brasil, encontrando por vezes no próprio sistema educacional brasileiro o amalgamento deste cenário e uma espécie de endosso a tal cenário, o que apenas reitera a importância do papel de um ensino de geografia engajado e que tenha uma vinculação a elementos da cidadania. Nesse cenário, a geografia é o importante alicerce, como afirmam Cavalcanti e Araújo (2017):

Portanto, o trabalho da Geógrafa escolar nesses lugares segregados é essencial, pois ela pode atuar realizando esses questionamentos e intervenções na escola. Ao contemplar em seus conteúdos temáticas como a segregação socioespacial, a Geografia escolar permite de maneira problematizadora que os alunos compreendam o espaço em que vivem e, mais ainda, possibilita perceber relações entre seu posicionamento espacial e seu lugar na sociedade frente às problemáticas em que vive, buscando, assim, elementos para uma intervenção crítica no espaço com o qual interage.

As escolas do campo diferem das escolas dos centros urbanos principalmente por estabelecer uma relação de comunidade, onde há troca de conhecimentos, mesmo que os

sujeitos que ali fazem parte não se deem conta de quão rica é esta relação. Muitas vezes deixadas à margem da sociedade as escolas do campo permanecem em atividade pela força das comunidades que valorizam a participação, o lazer e a cultura do seu local.

Caminhos possíveis no ensinar geografia nas escolas do campo

O professor de geografia é determinante para que o processo de ensino seja também um processo de ação, onde os conceitos não fiquem distantes da realidade do aluno, e a educação seja um processo de transformação da realidade. Assim como afirmam Villas et al (2014):

(...) o papel da escola, sobretudo do professor de geografia, em especial da zona rural, é criar métodos que evidenciem para o aluno como é feita a leitura de tudo à sua volta através da geografia, todos os processos de formação do seu espaço com suas características convenientes, despertando o interesse por parte deste aluno e fazê-lo compreender que existem diferentes lugares, culturas, relações sociais e saberes, e que este exercício de tornar a ciência geográfica mais dinâmica no que diz respeito à produção de conhecimento deve ser constante.

A escola tem a missão de trabalhar a pluralidade, promovendo a diversidade, e corroborando com o desenvolvimento dos diversos saberes, Cavalcanti (2006) afirma que:

Cabe, então, a escola assegurar a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã de seus alunos, estabelecendo uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações. É seu papel formar cidadãos participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea. Articular os objetivos convencionais: construção do conhecimento, desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, formação de qualidades morais e éticas às exigências da sociedade comunicacional informatizada e globalizada: maior competência reflexiva, interação crítica.

A defesa dos saberes do povo como ponto de partida para o diálogo da educação nos permite compreender que as identidades, as linguagens e o trabalho do povo têm contribuição importante na democratização da escola (FETZNER, 2010).

O ensino de geografia necessita estar mais conectado ao cotidiano e ao espaço vivido, e ter mais proximidade com o contexto das escolas do campo/rurais. O professor que atua nesse espaço deve entender as dinâmicas da localidade, e estar disposto a sempre se desafiar, buscando sempre a renovação e se identificar com o seu local de atuação.

Segundo Castrogiovanni e Costella (2016 b) cada professor é um membro da instituição-escola e o seu papel de mediador tem uma abrangência muito grande, desde de o conhecimento



científico e epistemológico do que se está ensinado até a capacidade de articular o ensino aos alunos.

Algumas considerações

É mister pontuar que essa pesquisa ainda está em caráter inicial, onde ressalta-se que em suas próximas fases tende a avançar com outras reflexões e diálogos entre os sujeitos. Por enquanto, nossas leituras e a construção de nosso projeto indicam que devemos aprofundar nossos olhares no que diz respeito às especificidades do ensino de geografia no contexto da educação do campo, permitindo que de fato tal ensino tenha um caráter emancipador e que ressalte o protagonismo destes.

Com a pesquisa realizada até o presente momento, identificamos que o ensino da geografia no campo ainda se encontra distante do ideal, mas em sua essência podemos considerar que a relação entre sujeito, geografia e espaço são parte integradora do processo de ensino. Esse processo ainda se encontra em construção, professores e alunos em conjunto são parte essencial para o fortalecimento dessa relação, onde os alunos possam ser protagonistas e conhecedores de sua realidade.

A partir dessas questões vemos que é fundamental desenvolver pesquisas que contribuam nas reflexões do ensino de Geografia nos espaços de resistências e nos permitam entender que a educação brasileira ainda busca uma identidade e as classes populares ainda buscam o acesso a uma educação digna e de qualidade.

Referências Bibliográficas

- BECKER, Bertha Koiffmann. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.
- BONFIM, Natanael Reis; CORREIA, Silvia Letícia Costa Pereira. Representações Sociais do espaço e ensino de geografia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 17, p. 18-31, set., 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- CALDART, Roseli Salet. O MST e a escola: concepção de educação e matriz formativa. In: _____. **Caminhos para transformação da Escola: Reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 63-83.

CALDART, Roseli Salete. Sobre a especificidade da Educação do campo e os desafios do momento atual. **Mimeo**, Porto Alegre, 2015.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e Expressão Popular, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016 (a).

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016 (b).

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; ROSSATO, Maíra Suertegaray; CÂMARA, Marcelo Argenta; LUZ, Robson Réus Silva da. (orgs.). **Ensino da Geografia: Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza; ARAÚJO, Manoel Victor Peres. Segregação socioespacial no ensino de Geografia: um conceito em foco. **ACTA Geografia**, Boa Vista, Edição Especial. p. 140-159, 2017.

COPATTI, Carina; CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia em Educação do Campo e o uso do livro didático. **Contexto e Educação**, Rio Grande do Sul, ano 33, v. 105, p. 222-247, mai./ago., 2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e Pesquisa: Questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.

FETZNER, Andréa Rosana. Ciclo e democratização do conhecimento escolar. In: CALDART, Roseli Salete. (org.). **Caminhos para transformação da Escola: Reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 87-100.



HAGE, Salomão Antônio Mufarrej; BARROS, Oscar Ferreira. Currículo e Educação do Campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo. **Espaço do Currículo**, Paraíba, n.1, p. 348-362, mar-set., 2010.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej; CRUZ, Carlos Renilton. Movimento de Educação do Campo na Amazônia paraense: ações e reflexões que articulam protagonismo, precarização e regulação. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT03-3952.pdf>> Acesso em: 09 março 2019.

MANDU, Sylvania Ferreira Nunes. Um olhar sobre a educação no e do campo na perspectiva das políticas públicas. In: Congresso Interinstitucional brasileiro de educação popular e do campo – CIBEPoC. 2017, Catalão. **Anais...** Catalão, 2017. p. 461-469. Disponível em: <<https://cibepoc.wixsite.com/cibepoc>> Acesso em: 23 de março de 2019.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Trajetória e realidade da educação do campo no Pará. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 24, p.113-127, jan-abr., 2017.

RODRIGUES, Hanslilian Correia Cruz; BONFIM, Hanslivian Correia Cruz. In: Congresso Nacional de Educação: Educere. 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017. p. 1373- 1387. Disponível em: <<https://educere.pucpr.br/p1/anais.html>> Acesso em: 10 de março 2019.

SOUSA, Sidneia Santos de. Educação do campo e educação popular: caminhos para uma formação humana. In: Congresso Nacional de Educação: Educere. 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017. p. 17627- 17641. Disponível em: <<https://educere.pucpr.br/p1/anais.html>> Acesso em: 19 de março 2019.

VILLAS, Carlos Ramon da Silva; RABELO, Ederlane Vale; OLIVEIRA NETO, Adolfo da Costa. Os desafios frente à realidade do ensino de Geografia no campo: o caso da escola Josias Pinheiro Salomão, na Vila Martins Pinheiro, no município de Maracanã - PA. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos. 2014, Vitória. **Anais...** Vitória, 2014. p. 1-11. Disponível em: <http://www.cbge2014.agb.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=66> Acesso em: 01 abril 2019.